



ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,  
ARTES E DESIGN  
FAMECOS

# REVISTA FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-11, jan.-dez. 2020  
e-ISSN: 1980-3729 | ISSN-L: 1415-0549

<https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.37004>

JORNALISMO

## Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo

*Peripheral journalism: a field research in the Metropolitan Region of São Paulo*

*Periodismo de las periferias: una investigación de campo en la Región Metropolitana de São Paulo*

Mara Rovida<sup>1</sup>

0000-0001-6540-6720

[mara.rovida@prof.uniso.br](mailto:mara.rovida@prof.uniso.br)

Recebido em: 3/2//2020.

Aprovado em: 27/8/2020.

Publicado em: 21/12/2020.

**Resumo:** Nas periferias da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), maior macrometrópole do Brasil, observam-se iniciativas de produção jornalística conformadas em políticas editoriais assumidamente vinculadas ao território. Para compreender a realidade dessa prática comunicacional, uma pesquisa de campo pautada pela ideia de descrição densa de Clifford Geertz (2008) foi desenvolvida entre 2018 e 2019. O objetivo do trabalho – alcançar uma interpretação possível sobre a prática jornalística nos territórios periféricos da RMSP – é organizado em três frentes: contexto de pesquisa (as periferias), sujeitos de pesquisa (jornalistas das periferias) e fenômeno pesquisado (jornalismo das periferias). Atesta-se que os significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa – configuração epistêmica da abordagem etnográfica segundo Geertz – a seus fazeres comunicacionais, suas identidades e seus territórios são plurais e complexos.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Periferia. Pesquisa de campo.

**Abstract:** In the peripheries of Metropolitan Region of São Paulo (RMSP), the major Brazilian metropolises, we observe initiatives of journalistic production conformed with editorial policies related to the territory. To comprehend this communication practice, a field research based on Clifford Geertz (2008) idea of dense description was developed between 2018 and 2019. The work objective – to reach a possible interpretation of the journalistic practice in the peripheries of RMSP – is organized in three aspects: research context (the peripheries), research subject (journalists of peripheries) and research phenomenon (journalism of peripheries). We attest to the meanings presented by the research subjects – epistemic conformation of ethnographic approach according to Geertz – for their communication practices, their social identities and their territories are plural and complex.

**Keywords:** Journalism. Periphery. Field research.

**Resumen:** En las periferias de la Región Metropolitana de São Paulo (RMSP), la mayor metrópolis de Brasil, observan-se iniciativas de producción periodística conformadas en políticas editoriales claramente vinculadas a el territorio. Para comprender la realidad de esta práctica comunicacional, una investigación de campo pautada en la idea de descripción densa de Clifford Geertz (2008) fue desarrollada entre 2018 y 2019. El objetivo del trabajo – alcanzar una interpretación posible sobre la practica periodística en los territorios de la RMSP – es organizado en tres frentes: contexto de la investigación (las periferias), sujetos de la investigación (periodistas de la periferia) y fenómeno investigado (periodismo de las periferias). Atesta-se que los significados atribuidos por los sujetos de la investigación – la configuración epistémica del abordaje etnográfico segundo Geertz – a su practica comunicacional, sus identidades y sus territorios son plurales y complejos.

**Palabras clave:** Periodismo. Periferia. Investigación de campo.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP, Brasil.

## Introdução

Pesquisadores do campo da comunicação (FIGARO, 2018; NONATO, 2018; FÓRUM, 2019; ROVIDA, 2018) têm se dedicado a investigações sobre um fenômeno efervescente observado em diversas partes do Brasil. Trata-se de uma nova onda de produção jornalística fora do circuito *mainstream*. Para alguns desses estudiosos esse tipo de jornalismo não é novidade, mas o significativo aumento de iniciativas com esse perfil deve ser entendido como um fenômeno (CARVALHO; BRONOSKY, 2017).

Dentre os estudos mais recentes sobre o tema, destaca-se o relatório de pesquisa divulgado no final de 2018 por Roseli Figaro em que é apresentado um mapeamento dos chamados arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. Com o objetivo de evitar as armadilhas presentes nos termos jornalismo alternativo, jornalismo independente, entre outros, a pesquisadora responsável pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) se apoia na nomenclatura 'arranjos alternativos' para identificar um conjunto de 170 produções jornalísticas em todo o Brasil, sendo 70 na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). O estudo da ECA-USP concentrou esforços nas produções da RMSP de maneira que as etapas qualitativas do trabalho se restringiram a esse universo.

De acordo com esse levantamento, observa-se um expressivo aumento dessas produções jornalísticas a partir de meados dos anos 2000 e início dos anos 2010. Na pesquisa do CPCT da ECA-USP, é proposta uma classificação desses arranjos em várias modalidades que têm a ver com as políticas editoriais adotadas pelos jornalistas engajados nessas produções. Nessa tipificação, o que interessa particularmente à presente discussão é o chamado jornalismo das periferias. Esse é o tema da pesquisa de Claudia Nonato, membro do CPCT da ECA-USP, que desenvolveu um trabalho paralelo ao mapeamento organiza-

do por Figaro. Nonato restringe sua análise aos arranjos alternativos vinculados a um grupo de produtores comunicacionais das periferias da RMSP chamado Rede Jornalistas das Periferias. Como resultado de seu estudo, Nonato indica algumas características do perfil dos jornalistas envolvidos nessas produções. O que por hora é ressaltado diz respeito à formação desses jornalistas, quase 100% são graduados em jornalismo, portanto tem-se a indicação de que a produção investigada é profissionalmente produzida.

Constatação similar à de Nonato é apresentada no *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, pesquisa realizada pelo Fórum Comunicação e Território, instância criada pela Rede Jornalistas das Periferias em 2019. De acordo com esse estudo, desenvolvido com metodologia<sup>2</sup> bastante similar à de Nonato e Figaro, os produtores de comunicação periférica são moradores de bairros afastados do centro estruturado da capital paulista,<sup>3</sup> são em sua maioria formados em jornalismo e atuam nessas frentes para produzir uma comunicação engajada com as demandas de seus territórios. Outro aspecto pertinente abordado nos três estudos mencionados diz respeito ao contexto social que poderia revelar os motivadores dessa crescente efervescência, dentre os quais a disseminação da tecnologia digital que diminuiu os custos de produção comunicacional e que permite uma abrangência quase ilimitada de divulgação. Além disso, a expansão de políticas públicas de acesso ao ensino superior que marcaram as duas primeiras décadas do século XXI no Brasil é apontada no estudo do Fórum Comunicação e Território como um dos motivadores dessa expressiva ampliação de iniciativas comunicacionais nas periferias.

Existem outros pesquisadores e grupos de estudiosos debruçados sobre esse fenômeno, por isso entende-se ser impossível dar conta de um levantamento do estado da arte mais completo e atualizado neste espaço. De qualquer maneira, as pesquisas mencionadas indicam a atenção

<sup>2</sup> Questionário estruturado distribuído em sistema *snowball*, seguido de entrevistas abertas e dinâmicas coletivas.

<sup>3</sup> Nessa primeira etapa da pesquisa, segundo os responsáveis do Fórum Comunicação e Território, foram incluídos no levantamento apenas as produções da capital, recorte também feito por Nonato.

crecente do campo da comunicação para a produção jornalística fora do circuito *mainstream*. Nesse sentido a pesquisa<sup>4</sup> que serve de base para este artigo se insere nesse universo com o diferencial de se configurar como um estudo de campo, nos moldes da etnografia (GEERTZ, 2008), realizado com quatro arranjos alternativos, para usar a nomenclatura de Figaro, entre 2018 e 2019. Foram acompanhados em suas dinâmicas laborais e entrevistados seis jornalistas, em um total de 24 horas e meia – descontado o tempo dos trajetos até os pontos de encontro com os pesquisados – de trabalho em campo. Os jornalistas que participaram do estudo e, conseqüentemente, seus veículos de comunicação fazem parte da Rede Jornalistas das Periferias, grupo criado em 2017 que reúne produtores de comunicação das periferias da RMSP.

A escolha pelo mencionado modelo de investigação científica se deve ao entendimento de que o jornalismo, como fenômeno social, é uma produção coletiva de sujeitos e, portanto, não parece adequado entender a comunicação das periferias como 'objeto' de análise. Cílicia Peruzzo (2018) corrobora com essa perspectiva e vai além indicando que a pesquisa social, comunicacional, não é produzida por um sujeito asséptico e neutro.

De fato, não existe postura neutra, mesmo nos métodos que assim creem ser, pois toda variável e tipo de abordagem implicam escolhas que advêm de concepções de mundo. Os enfoques epistemológico e teórico-metodológico partem de uma posição epistêmica, de um alinhamento com determinados interesses e visões de sociedade (PERUZZO, 2018, p. 29).

A premissa da não neutralidade epistêmica demanda que a pesquisa seja apresentada em sua fundamentação teórica, como também a escolha metodológica seja explicitada. Aqui é pertinente frisar a ideia de escolha, porque diferentes formatos de pesquisa guardam potencialidades similares e podem ser acionadas, grosso modo, como estratégia para cumprir os objetivos de um trabalho científico. Assim, além da adequação ao

desenho do projeto, a metodologia se apresenta como uma preferência do pesquisador originada por sua formação, sua visão de mundo. Por isso, entende-se que o processo de investigação científica é realizado por um sujeito que se posta diante de outros sujeitos.

Com base nessa posição epistemológica, ficam claros os motivos da escolha pela abordagem etnográfica resumida no conceito de descrição densa. De acordo com Clifford Geertz (2008, p. 7)

[...] a etnografia é uma descrição densa. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Segundo o autor, a pesquisa etnográfica se organiza em dois movimentos. O primeiro deles se orienta como uma imersão em campo, uma aproximação entre pesquisador, cenário e sujeitos de pesquisa. Nessa fase, o pesquisador vai, pela observação, se aproximar e experienciar o fenômeno pesquisado, anotando suas impressões em um diário de campo. Essas notas são marcadas por nuances e percepções que extrapolam a simples descrição de cenas, isso significa que nesse movimento de observar e anotar, o pesquisador busca apreender os significados de gestos e comportamentos apresentados pelos sujeitos de pesquisa. Em outros termos, esse procedimento se pauta por uma tentativa de interpretação cultural, é como se o pesquisador observasse a realidade e depois a inscrevesse (GEERTZ, 2008).

Frisa-se que o objetivo desse tipo de pesquisa é identificar os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no fenômeno pesquisado, neste caso, os jornalistas das periferias. Assim, é na interação com esses sujeitos, tomados como informantes (GEERTZ, 2014), que se identificam as características do fenômeno em discussão. Apenas um sujeito que faz parte do cenário pesquisado pode interpretar de forma coerente o significado de gestos, comportamentos e

<sup>4</sup> Autor. Título da pesquisa. Instituições envolvidas.

valores compartilhados pelos personagens da cena social. Por isso, as entrevistas abertas, em conjunto com a observação em campo, formam a estratégia metodológica da pesquisa.

Ainda sobre a relação sujeito-sujeito, este enquadramento além de nortear o entendimento sobre a pesquisa científica é a base do pensamento comunicacional que orienta a noção de jornalismo usada como diretriz teórica na pesquisa. Ideia tomada de Cremilda Medina (1996) que pensa a comunicação jornalística como um processo coletivo de interação entre sujeitos que conformam uma tríade formada por personagens e fontes de informação, mediador jornalista e público. São sujeitos autônomos que, se dispostos ao diálogo, podem sair transformados dessa interação social fomentada pela dialogia, entendida como potencial do jornalismo.

É a partir dessas bases que o trabalho foi desenvolvido, tomando como organização três frentes temáticas: contexto de pesquisa (as periferias da RMSP), sujeitos de pesquisa (jornalistas das periferias) e fenômeno pesquisado (jornalismo das periferias). Frisa-se que cada uma dessas temáticas é desenvolvida a partir da fala dos sujeitos de pesquisa, sendo o repertório teórico acionado como complemento e não como norteador dessas questões.

### **As periferias pelos periféricos**

Uma das primeiras questões suscitadas pelo fenômeno jornalístico em análise diz respeito à ideia de periferia. Ainda que o termo pareça ser de uso corriqueiro, ele representa um conceito em disputa. Ao aprofundar a reflexão sobre as possíveis definições de periferia, não apenas na literatura disponível como também no diálogo com pesquisadores em apresentações públicas, observou-se a pluralidade de (des)entendimentos sobre o assunto. A saída encontrada para essa questão foi orientada pela própria perspectiva epistêmica desenhada principalmente pela metodologia de pesquisa. Em outros termos, a contribuição do trabalho para esse debate está na

observação e apresentação da ideia de periferia formulada pelos sujeitos da pesquisa, isto é, os jornalistas das periferias.

A partir da elaboração inclusive teórica dos jornalistas ouvidos e acompanhados, tem-se algumas características essenciais para definir a noção de periferias – há uma insistência no uso do plural, uma vez que cada bairro periférico é diferente do outro. O primeiro aspecto diz respeito a uma particularidade da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) que até pode ser encontrada em outros espaços urbanos brasileiros, mas se manifesta nessa macrometrópole de maneira mais enfática (KOWARICK, 1994). A RMSP é formada por 39 municípios, incluindo a capital paulista, habitados por cerca de 22 milhões de pessoas, de acordo com os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que corresponde a mais de 10% da população do Brasil. No histórico dessa mancha urbana, destaca-se o processo de periferização, como nomeado por Erminia Maricato (2000).

A especulação imobiliária obtém grande lucratividade no processo de periferização, juntamente pela oferta de terrenos longínquos e pela manutenção de espaços ociosos entre os bolsões de habitação. Por isso, o espraiamento e a dispersão populacional serão verificadas como característica regular da RMSP de maneira que a geografia periférica será marcada por um distanciamento físico expressivo em relação aos centros estruturados das cidades, especialmente da capital paulista. Por mais que esses apontamentos sejam também representados por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, sua presença como forma de definir o que é periferia nesta reflexão se deve à fala dos jornalistas acompanhados e entrevistados na pesquisa. Dessa forma, como parte dos resultados alcançados no estudo, observa-se a elaboração do aspecto de distanciamento presente na ideia de periferia na RMSP em passagens do diário de campo, conforme trecho a seguir.

Sobre a definição de periferia, Livia<sup>5</sup> entende que *a periferia é um conceito que define um lugar a parte do que é legítimo, do que é aceito*. É um espaço que está sempre numa condição de vulnerabilidade socioeconômica e distante do centro. Assim a definição de periferia se estabelece na relação dessas duas características, a geográfica e a social. Já os bolsões de pobreza do centro, embora sirvam de palco para lutas próximas àquela dos periféricos – e por isso esses grupos são considerados na cobertura do *Nós* –, não são entendidos por Livia como parte da periferia. Sua localização geográfica acaba permitindo certo acesso que não é possível para quem está longe do centro. Por isso, ela entende esses espaços dentro de uma perspectiva diferente da periferia no sentido descrito e aproveita a nomenclatura usada pela prefeitura, bolsões de pobreza. Com base nisso, pergunto sobre a diferença da realidade de São Paulo e Rio de Janeiro no que diz respeito a essa definição. *São condições diferentes. Lá é muito mais a questão do subúrbio e da favela, até os termos são diferentes*. Como o morro está dentro da cidade, a favela está no meio dos bairros ricos. Em São Paulo, a distância acaba camuflando as diferenças sociais, mantendo invisível a realidade precária de falta de infraestrutura urbana e a violência policial também fica escondida. Segundo Livia, os confrontos no Rio de Janeiro acabam sendo muito mais evidenciados por conta da realidade geográfica do que em São Paulo. *Os jovens negros morrem tanto aqui quanto lá, mas aqui parece que está tudo bem e que nada acontece porque ninguém vê*. O distanciamento é, sem dúvidas, um agravante da condição de ser periférico em São Paulo. Os periféricos são pessoas que têm menos oportunidades em vários aspectos (ROVIDA, 2020, p. 46-47).

Denota-se que o mais perverso dessa lógica é que os espaços centrais concentram a oferta de serviços públicos e de emprego, contribuindo para que a população distanciada se torne, em verdade, segregada.

Milton Santos (2009) chama a atenção para essa perversidade ao avaliar o processo de periferização metropolitana da RMSP que parece conformar a população periférica em uma experiência urbana marcada por aquilo que o autor nomeia de tempo lento. De acordo com uma das teses de Milton Santos (2002a), os sujeitos sociais experimentam o espaço de formas diferentes, isto é, em temporalidades distintas que ele organiza em dois tipos, os tempos lento e rápido. No primeiro tipo, encontram-se os sujeitos hegemônicos e

no segundo aqueles considerados hegemônicos. Apenas para aproveitar um exemplo apresentado pelo jornalista Thiago de Souza Borges<sup>6</sup> em uma das conversas mantidas como parte da imersão em campo, pode-se comparar a experiência de deslocamento em direção ao centro da cidade de São Paulo por um morador do extremo sul da capital paulista e por um cidadão que reside em condomínio de alto padrão na mesma região. Cada um desses sujeitos vai fazer o percurso em tempos bem distintos, em uma experiência de deslocamento pela cidade também diferente.

Mais do que apenas marcar o tempo cronológico do percurso, essa diferença de temporalidade terá implicações no conforto, ou falta dele, observada na experiência de deslocamento pelo espaço urbano, nas dificuldades até financeiras para realizar esse trajeto, entre outras questões. A perversidade de que fala Santos (2002b) implica, portanto, em um acesso maior ou menor ao exercício da cidadania ou, como diria o jornalista Thiago de Souza Borges, o tempo de acesso a direitos será diferente para cada sujeito social e mesmo nas periferias há gradações dessa dificuldade marcando a experiência dos indivíduos. Nesse sentido, a reflexão é totalmente baseada na experiência relatada pelos jornalistas, resumida na fala de Borges que entende os indicadores identitários, em uma composição com a localização territorial dos sujeitos, como determinantes dessa experiência da cidade. Para ele, uma mulher periférica terá mais dificuldade de acesso aos direitos, ou ao exercício pleno da cidadania (SANTOS, 2002b), do que um homem periférico, por exemplo. Se o sujeito em questão for negro, certamente essa percepção de dificuldade será intensificada.

Toca-se em um outro aspecto que caracteriza a ideia de periferia da RMSP, isto é, a questão racial que se faz presente na relação dos sujeitos desses espaços com o Estado bem como com os demais sujeitos da cidade. Enfatiza-se nessa reflexão que o território (periférico) é entendido como espaço produzido por sujeitos (SANTOS, 2002b), assim ao falar das periferias dessa região metropolitana, em

<sup>5</sup> Livia Lima é cofundadora do coletivo "Nós, mulheres das periferias". Disponível em: [nosmulheresdasperiferias.com.br](http://nosmulheresdasperiferias.com.br).

<sup>6</sup> Cofundador da Produtora de Jornalismo das Quebradas Periferia em Movimento. Disponível em: [periferiaemmovimento.com.br](http://periferiaemmovimento.com.br).

verdade, fala-se dos sujeitos sociais que a produzem como território ocupado. Não à toa, Milton Santos (2002b, p. 81) indica que "Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território". Por isso, a questão racial aparece como um forte componente na caracterização das periferias, território de maioria negra.

Na opinião de outro jornalista ouvido na pesquisa, Pedro Borges,<sup>7</sup> ao ser tomada como um espaço negro, a periferia será apreendida indistintamente pelo Estado como historicamente os lugares de maioria negra o são. Por outro lado, observa-se nesses territórios uma forma de sociabilidade derivada das raízes negras como os quilombos, por exemplo. Pedro Borges inclui nessa reflexão o debate desenvolvido por Maria Beatriz do Nascimento sobre a continuidade do quilombo, lugar que congrega todo tipo de pessoa marginalizada, além dos negros.

Ao explicar seu entendimento de periferia, Pedro cita Maria Beatriz Nascimento, intelectual do movimento feminista negro assassinada pelo companheiro de uma amiga. Ela, segundo Pedro, fala das periferias como um novo quilombo, em outros termos, é um espaço de maioria negra, vinculado à imagem do negro, mas não apenas de negros. *Os quilombos abrigavam muitas pessoas, abrigavam indígenas, brancos, pessoas procuradas pela justiça, entre outros. Assim eram lugares que permitiam uma outra sociabilidade. Eu acho que a periferia não é apenas territorial. Como diz Beatriz Nascimento, o corpo negro é uma periferia e eu gosto dessa imagem.* Isso indica uma ideia de identidade que tem vínculos com o território, mas um espaço que não é apenas lugar físico. Pedro enfatiza que no Brasil tudo que não é o homem branco classe média é passível de sofrer violência, basta ver o genocídio de LGBTs, negros, mulheres, entre outros índices que indicam essa posição em relação a esses corpos. *O Estado é violento em todo lugar que tem maioria negra. O cárcere, um estádio de futebol, uma escola de samba, todos os territórios de maioria negra vão sofrer violência, então o branco que está nesses espaços vai sofrer as mesmas violências tipicamente desferidas contra o negro* (ROVIDA, 2020, p. 65, grifo do autor).

De forma resumida, o pensamento de Maria Beatriz Nascimento – alcançado por intermédio de pesquisadores que conseguiram recuperar e

organizar seus escritos interrompidos pela morte violenta sofrida pela estudiosa e militante do movimento negro – indica haver um tipo diferenciado de sociabilidade nos territórios das periferias. Essa percepção é corroborada, embora a reflexão se dê por outras vias, por José Guilherme Cantor Magnani (1998) ao estudar as periferias da capital paulista onde ele identificou a existência de uma terceira esfera social tipicamente brasileira, o pedaço. Na nomenclatura do autor, o pedaço seria um intermediário entre aquilo que Roberto DaMatta (1991) definiu como as duas esferas sociais brasileiras, a saber a casa e a rua.

As relações desenvolvidas pelos sujeitos sociais nesse espaço do pedaço estão marcadas pela percepção de pertencimento a uma dinâmica social diferenciada. Em outros termos, "para ser do "pedaço" é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência" (MAGNANI, 1998, p. 115). Essa rede de relações do pedaço, como nomeado por Magnani, se torna quase tangível quando se observam as interações dos Sujeitos Periféricos (D'ÁNDREA, 2013) como os próprios jornalistas das periferias.

Com base no exposto, tem-se algumas características da ideia de periferia na significação dada pelos jornalistas ouvidos na pesquisa; um espaço de maioria negra, mas não somente de negros, onde há uma diversidade de experiências e formações identitárias (gênero, idade, classe social etc.); é um território distante dos centros de poder e da estrutura urbana mais desenvolvida e, por isso, o tempo de acesso que marca a experiência de seus moradores é, na classificação de Santos (2002a), lento; é também um território de pertencimento em que os indivíduos se relacionam em uma lógica pautada pela ideia de pedaço (MAGNANI, 1998) rebatizado de quebrada pelos mais jovens.

### Os jornalistas das periferias

Personagens e informantes da pesquisa, os jornalistas que figuram como observados no

<sup>7</sup> Cofundador da Agência Alma Preta. Disponível em: [almapreta.com](http://almapreta.com).

trabalho de campo e entrevistados ao longo do estudo apresentam um perfil alinhado ao que aponta o levantamento de Nonato (2018). São jovens, entre 20 e 30 anos, são graduados em jornalismo, são moradores de bairros distantes dos centros estruturados da RMSP, atuam em diversas frentes de trabalho e refletem sobre seus fazeres comunicacionais de maneira engajada. Um dos principais aspectos da reflexão desenvolvida por esses profissionais toca, não por acaso, em um dos alicerces, vinculado à comunicação, do exercício pleno da cidadania em uma democracia, o direito à informação.

A atuação do coletivo não se dá exclusivamente no Grajaú, bairro onde Thiago e Aline, a outra fundadora da *PeM* [Periferia em Movimento], residem, mas por conta da experiência e dos contatos essa região é privilegiada nas ações. O aspecto norteador do trabalho deles, tanto no que diz respeito à cobertura jornalística quanto às oficinas, é o **direito à informação**. A clareza de que esse é o pilar de sua atuação como profissional nos últimos nove anos é notável. Foi esse o ponto de apoio para pensar no primeiro trabalho, publicado em blog e segue sendo o que mobiliza o grupo que hoje tem um site. O exemplo dado por Thiago foi sua própria mãe que com apenas quatro anos de estudo formal não tinha seu direito à informação respeitado, nem mesmo tinha consciência de ser esse um direito seu. *Não precisa fazer faculdade de jornalismo para isso. Todos têm esse direito, mas só descobri isso depois de cursar jornalismo e passar por essa experiência do coletivo* (ROVIDA, 2020, p. 89-90, grifo do autor).

Como comunicadores formados e com experiência de trabalho, esses jornalistas vão indicar a necessidade de produzir narrativas que pautem a diversidade e a pluralidade de experiências das periferias. Perspectiva essa que encontra ressonâncias com as noções de polifonia e polisssemia entendidas como aspectos elementares da sociedade e que, por isso, precisam ser contemplados no fazer jornalístico, segundo Cremilda Medina (1996).

A periferia é plural. Essa pluralidade no trabalho do *Nós* se manifesta pelas diferenças de posição política, de opinião, de atuação profissional, de formação e até de orientação sexual. Nem sempre essas representações correspondem às trajetórias das próprias jornalistas que se sabem exceção entre as mulheres das periferias por terem formação universitária, por exemplo. Além disso, todas são heterossexuais e isso é

observado como uma unidade que não representa a periferia e para ser mais abrangente, mais plural, o jornalismo é tomado como uma **atividade de escuta**. Elas vão então atrás dessas outras histórias, dessas outras mulheres, com visões de mundo diferentes; *queremos ser profissionais mesmo, jornalistas, mediadoras*. Por isso, é preciso ouvir o outro, mesmo que esse outro pense de forma diferente (ROVIDA, 2020, p. 116, grifo do autor).

Ao refletir e teorizar sobre o papel do jornalismo na sociedade como forma de pautar suas atividades em seus territórios, os jornalistas se aproximam daquilo que Tiarajú Pablo D'Andrea (2013) nomeia em sua tese doutoral de Sujeitos Periféricos. D'Andrea reflete sobre as possibilidades de entendimento de periferia e como o termo se transforma ao longo do tempo.

Nos últimos vinte anos, mais intensamente a partir de 1990, o termo *periferia* passou a circular amplamente no campo dos debates públicos e acadêmicos. [...] Não mais entendida apenas como local de pobreza, privação e sofrimento passível de comisseração, a periferia passa a ser um termo utilizado como marcador da presença ativa de populações vistas não sob o signo da fragilidade mas da *potencialidade*. No Rio de Janeiro, esse mesmo deslocamento ocorreu com o termo favela. *Potencialidade* aqui entendida em dois sentidos: portador de possibilidades e portador de potência ou força (D'ANDREA, 2013, p. 10, grifo do autor).

Nesse caldo de novidades, outras formas de politização vão surgir como, segundo D'Andrea (2013, p. 12), "a representação e a auto representação da população periférica". Simbolicamente essa forma de representar sujeitos e territórios parece ganhar uma nova roupagem a partir de artistas de alguns seguimentos, mas especialmente da música. São esses sujeitos que parecem colocar em movimento uma nova maneira de compreender a periferia. De um entendimento geográfico, o termo passa a significar uma posição política.

[...] surgiu uma nova subjetividade por meio de uma intensa luta para se colocar no mundo e se perceber por meio do *orgulho* e não do *estigma*. Quando o indivíduo portador dessa nova subjetividade age politicamente é denominado neste trabalho como *sujeito periférico* (D'ANDREA, 2013, p. 14, grifo do autor).

Dessa forma, os jornalistas que participam da pesquisa são entendidos como Sujeitos Perifé-

ricos, no sentido de D'Ándrea, justamente por entenderem as periferias como potencialidades a serem narradas em suas produções jornalísticas. Em outros termos, esses sujeitos atuam em seus territórios de maneira a explorar os variados aspectos que a pauta das periferias guarda, evitando lugares-comuns como a abordagem que conforma esses espaços como lugares de pobreza e carestia de toda ordem. Com diferentes políticas editoriais, os veículos de comunicação mantidos pelos sujeitos da pesquisa, ainda que guardando essa relação de compromisso com o território, apresentam uma diversidade de questões, de perspectivas e de vozes que fazem parte desse contexto social. Contexto que é palco das narrativas, ao mesmo tempo em que serve de espaço social de atuação concreta dos comunicadores e é o lugar em que o público-alvo elencado como preferencial – ainda que não seja a maior parte da audiência como revelam os próprios jornalistas – dessas produções está.

### O jornalismo das periferias

Como já indicado, o ponto de contato das produções jornalísticas estudadas é o enquadramento do território como parte das políticas editoriais adotadas. Isso significa que as perspectivas das periferias serão utilizadas como posicionamento preferencial na cobertura, de maneira a conformar as políticas editoriais dos veículos de comunicação que fazem parte do cenário estudado. Mario Erbolato (2001, p. 248) define, em seu glossário, política editorial como "orientação seguida por um veículo de comunicação social, tal como dar (ou não) destaque a determinados assuntos e prestigiar (ou não) algumas iniciativas ou autoridades". Neste caso, as perspectivas periféricas ganham destaque, tornando as pautas alinhadas a acontecimentos que estejam vinculados a essa experiência definida pelo território.

Para além desse aspecto comum, os jornalistas acompanhados na pesquisa entendem que a diversidade das periferias pode e deve ser obser-

vada em suas produções. Por isso, a definição do escopo de cobertura representa uma pluralidade de possibilidades que, de certa forma, evidencia a própria polifonia e polissemia periféricas. Assim, um dos grupos estudados irá se dedicar às perspectivas femininas das periferias<sup>8</sup> da RMSP, mas principalmente da capital paulista. Outra produção tem como posicionamento editorial cobrir as periferias da região metropolitana sem incluir pautas sobre violência,<sup>9</sup> isso porque esse seria o gancho mais recorrente quando esses espaços se fazem presentes na narrativa *mainstream*. As questões racial e de classe social<sup>10</sup> também são utilizadas nas composições editoriais.

Ainda sobre o que norteia a política editorial da *Alma Preta*, Pedro afirma que, apesar de a questão racial permanecer um tabu no Brasil, já são observados avanços que fundamentam uma expectativa positiva até para quem acompanha esse processo de fora do país. *No Brasil, a gente conseguiu uma coisa que não tem em nenhum outro lugar do mundo. Construímos o imaginário de maioria, somos oficialmente maioria*. Fica evidente que o jornalista se percebe, ele próprio, como parte do grupo representado nessa perspectiva periférica e negra. Assim como outros entrevistados, Pedro entende a militância e a parcialidade assumida por seu grupo como linha editorial. Por isso essa decisão não produziria um tipo de jornalismo diferente. *A gente respeita muito os preceitos jornalísticos, a apuração jornalística, ouvimos as pessoas envolvidas, ou os vários lados. Então a gente faz jornalismo, pautado por nossos interesses, assim como a Folha de S.Paulo faz jornalismo de acordo com os interesses dela*. Ele usa a ideia de Mídia Radical de John Downing, mas não sabe se seria possível escolher um definidor de distinção para o jornalismo que os grupos das periferias produzem. Isso porque a gestão horizontalizada e a potencialidade local de alguns grupos indicam essa proximidade com a noção de Downing, mas *jornalismo é jornalismo*. Ele, assim como Livia Lima, frisa o entendimento de que eles são jornalistas e ainda que tenham pessoalmente compromissos com uma atividade militante, seus grupos são produtores de comunicação. *Tem gente que acha que somos um grupo militante, ativista. Às vezes chegam cartas de repúdio e o pessoal pede para a gente assinar junto. Então eu falo, eu quero publicar sua carta, mas a Alma Preta não tem de assinar, somos uma agência de jornalismo e não uma organização social* (ROVIDA, 2020, p. 118-119, grifo do autor).

<sup>8</sup> Trata-se do Nós, mulheres das periferias.

<sup>9</sup> A Agência Mural de Jornalismo das Periferias conta com mais de 80 colaboradores espalhados por toda a RMSP. Disponível em: [agenciamural.org.br](http://agenciamural.org.br). Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>10</sup> Respectivamente, Agência Alma Preta e Produtora de Jornalismo das Quebradas Periferia em Movimento, ambos grupos já referenciados.



É notável como tais escolhas são claramente assumidas pelos jornalistas responsáveis por cada um dos veículos e, da mesma maneira, são definições entendidas por eles como complementares. Se a questão editorial tem essa característica de complementariedade entre os grupos, a forma de atuação, isto é, o modelo de trabalho usado por esses jornalistas também. Todos os grupos estudados são adeptos do chamado formato coletivo em que se preza pela gestão horizontal, sem hierarquias rígidas, apesar da distribuição de tarefas. Um exemplo de como essa forma de atuação é compreendida pode ser observado na fala de Thiago Borges.

Ele fala sobre coletivo como uma forma de fazer, ou seja, é uma ideia de pessoas que se juntam para fazer alguma coisa acontecer, numa ação coletiva e autônoma – todos podem definir, ou seja, escolher o que fazer, mas todos se ajudam para realizar. *No nosso caso lo objetivo era usar o jornalismo para falar sobre o acesso a direitos e sobre as questões da quebrada.* Nesse momento, Thiago revela que houve uma pequena mudança no entendimento do seu grupo. *Agora é a Periferia em Movimento e não o. Agora nós nos entendemos como uma produtora de jornalismo de quebrada.* A mudança parece dar conta de várias ações que o grupo desenvolvia e que não estavam contempladas na ideia anterior de coletivo que é marcada por uma certa ambiguidade e imprecisão, *parece que não é profissional, não é militância, mas é tudo isso.* Assim, nessa perspectiva cabem a produção e a experimentação de produção de jornalismo em vários formatos, a articulação dentro e fora do território nas oficinas e nas atuações com outros grupos da região e de outras localidades. Segundo ele, essa mudança é a primeira etapa de uma reestruturação que visa a segurança jurídica do grupo. A ideia de coletivo traz uma fragilidade e é entendida como sinônimo de inexperiência o que não combina com o histórico do grupo que atua há 10 anos. O objetivo, segundo Thiago é transformar a *PeM* em uma associação o que permitirá acesso a formas mais estruturadas de financiamento, além de profissionalizar ainda mais a atuação do grupo (ROVIDA, 2020, p. 128, grifo do autor).

Ainda que uma busca por nomenclaturas e enquadramentos fiscais esteja no horizonte, observa-se uma preocupação em manter a essência da forma coletivo como respaldo para uma visão de trabalho colaborativo, sem hierarquias. Neste aspecto, percebe-se a existência de alguma influência dos chamados coletivos de artistas que

atuam nas periferias desde os anos 1990, e até antes, como mencionado por D'Andrea (2013). São grupos que parecem resgatar e reinterpretar a ideia de coletivismo que aparece entre os anarquistas. Segundo George Woodcock (2002), a corrente Coletivista terá destaque nos últimos anos da década de 1860, em ações de grupos vinculados à Michael Bakunin. Ainda de acordo com o estudioso, esses militantes levam às últimas consequências a ideia de uma sociedade organizada

em comunas e associações operárias e essas, por sua vez, serão reunidas em sessões regionais. As autoridades dominadoras serão substituídas por secretariados coordenados. Nessa rede orgânica de equilíbrio de interesses, baseada no anseio natural pela ajuda mútua, as formas artificiais de coerção tornar-se-ão desnecessárias (WOODCOK, 2002, p. 36).

A palavra-chave nessa definição é a noção de rede orgânica. Esse é o direcionamento dado pelos comunicadores aos seus trabalhos e é justamente por prezar sobremaneira esse ideal de trabalho coletivo que muitas dificuldades e impasses se tornam parte de suas atividades. A cada decisão sobre ações, coberturas, parcerias, enfim, a cada definição de novos passos, os integrantes de cada grupo opinam de maneira igualitária e as diferenças de visão de mundo, de formação, de idade, entre outras, muitas vezes se tornam desafios a serem vencidos. Alguns dos entrevistados relataram que essa dificuldade é enfrentada com regularidade e algumas saídas são buscadas para evitar que o trabalho seja suspenso por conta de diferenças de opinião. De qualquer maneira, há o entendimento de que a cada decisão conquistada nesse formato de trabalho os grupos saem mais consolidados e fortalecidos.

A questão financeira é outra dificuldade enfrentada por esses jornalistas. A manutenção de suas atividades não é um aspecto resolvido, embora a longevidade desses trabalhos seja observada como um ponto positivo – os quatro grupos acompanhados na pesquisa já tinham contabilizado, ou quase, uma década de existência no momento em que o trabalho de campo foi realizado. As vaquinhas online, a disputa por editais públicos na área da cultura – não existem

editais específicos para a comunicação –, a venda de assinaturas, entre outras formas de levantar recursos definem a realidade financeira dessa atividade. Ao olhar para o cotidiano dos profissionais, observa-se que além da dificuldade em manter a cobertura jornalística das periferias, esses jornalistas atuam em outros espaços como forma de provir a vida. Isso significa que eles se dividem em diferentes trabalhos para poder manter essa atuação engajada, assim como para arcar com os custos de sua vida pessoal.

Esse aspecto financeiro é um dos pontos centrais da investigação de Roseli Figaro (2018) que também aproxima a reflexão fomentada por esse fenômeno jornalístico contemporâneo a outros momentos históricos, como a imprensa alternativa do período da Ditadura Militar no Brasil. Mas, em uma comparação um pouco mais detalhada, ainda que não definitiva, se percebe que há diferenças mais do que pontuais entre os grupos das periferias e os veículos alternativos estudados por Bernardo Kucinski (1991). Outra aproximação que se faz para tentar classificar o tipo de jornalismo produzido nas periferias da RMSP é a ideia de Mídia Radical de John Downing (2002). Neste caso, observam-se algumas semelhanças mais consistentes, mas que também não parecem suficientes como definição do fenômeno jornalístico das periferias. Por isso, a pesquisa chega a um termo apresentado pelos próprios jornalistas ouvidos. O jornalismo das periferias se estabelece como espaço fora do circuito *mainstream*, mas não se coloca como contra-hegemônico por pautar questões que não estão necessariamente nesse embate entre hegemonia e contra-hegemonia; é uma comunicação comunitária, mas não somente; é radical em alguns aspectos; é engajado e representa uma militância pela comunicação; mas é, acima de tudo, jornalismo.

### Considerações finais

A riqueza da abordagem etnográfica está na possibilidade de acompanhar a cena viva, isto é, na possibilidade de observar os acontecimentos em seu desenrolar. No caso relatado neste artigo, entende-se que há um ganho a mais propiciado

pelo momento de atenção ampliada para o fenômeno em análise, isto porque os resultados advindos de contribuições orientadas por abordagens metodológicas distintas se complementam. Por isso ao detalhar, pela observação em campo, aquilo que de certa forma também aparece, grosso modo, em números e estatísticas mais macro alcançadas pelas pesquisas quantitativas, tem-se uma contribuição significativa para a reflexão acadêmica.

No que diz respeito ao jornalismo das periferias, embora a pesquisa de campo tenha sido finalizada em 2019, o fenômeno continua sendo observado e é possível indicar que há uma tendência de fortalecimento dessa prática comunicacional. Os próprios jornalistas envolvidos nessa dinâmica têm percebido o aumento do número de produtores periféricos e, por isso, eles passaram a investir ainda mais na criação de espaços de cooperação para fortalecer laços e consequentemente permitir avanços nas condições de trabalho. Acompanhar os desdobramentos desse fenômeno jornalístico é, portanto, necessário.

Ressalta-se ainda que as redes formadas por esses produtores comunicacionais começam a ganhar expressividade, alcançando parcerias para além das fronteiras do contexto urbano recortado no estudo apresentado. Observa-se, por exemplo, ações conjuntas com jornalistas de outros estados que encampam projetos similares em periferias de outras regiões metropolitanas. A ideia de rede orgânica que faz parte desse universo de atuação parece ganhar novo fôlego e talvez possa garantir a longevidade desse fenômeno comunicacional. Além disso, parece pertinente compreender essa esfera de produção jornalística como parte, cada vez mais significativa, do ecossistema midiático contemporâneo.

### Referências

CARVALHO, Guilherme e BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 21-39, ago. 2017. <https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGera.v.4.i1.0002>.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 1991.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 2013. 295 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical** – rebeldia nas comunicações movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local** – novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2014.

FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FÓRUM Comunicação e Território. **Mapa do Jornalismo Periférico**: passado, presente e futuro. São Paulo: Rede Jornalistas das Periferias, 2019.

KOWARICK, Lúcio (org.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

KOWARICK, Lúcio; ANT, Clara. Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo. In: KOWARICK, Lúcio (org.). **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1994. p. 73-94.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários** – nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

PERUZZO, Círcia M. K. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, v. 33, p. 25-40, jun. 2018. [https://doi.org/10.17231/com-soc.33\(2018\).2905](https://doi.org/10.17231/com-soc.33(2018).2905).

NONATO, Claudia. O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville, SC. **Anais...**Santa Catarina: Univille, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço** – cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Unesp e Hucitec, 1998.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado – metrópoles brasileiras. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, out./dez., 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400004>.

MEDINA, Cremilda (org.). **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

ROVIDA, Mara. As periferias pelos periféricos – um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 50-65, jul./dez. 2018**. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.149085>.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias** – o diálogo social *solidário* nas bordas urbanas. Curitiba: CRV, 2020. <https://doi.org/10.24824/978655578250.9>.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 21-22, out./dez. 2002a.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002b.

---

## Mara Rovida

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA), São Paulo, SP, Brasil. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Mara Rovida Martini  
Universidade de Sorocaba  
Cidade Universitária Professor Aldo Vannucchi  
Rod. Raposo Tavares, Km 92.5  
18023000  
Sorocaba, SP, Brasil